



Tinha que ser nego, né?

[Ilustração digital]

Acsa Fernanda de
Oliveira Freitas

Sobre a autora:

Acsa Fernanda de Oliveira Freitas é graduanda em Letras Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Possui certificação no curso técnico Assistente Administrativo Industrial, possui certificação no curso de Formação Inicial e Continuada (FIC) de Instalador e Reparador de Redes de Computadores, possui certificação no curso de Formação Inicial e Continuada de Operador de Computador, atuou como avaliadora na Feira de Ciências Escolar de Projetos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (FECIRME) e foi co-orientadora do trabalho vencedor “Aprendendo com o Mar: um estudo sobre ondas abissais” na II Feira de Ciências do Semiárido Potiguar Kids. Participou como membro durante o período de coleta de dados no Grupo de Fonética e Fonologia (GPeff), e atualmente é membro do projeto de iniciação científica “Direito Penal e Tradução: a busca de equivalência entre binômios do inglês e do português em um estudo baseado em Linguística de Corpus”.



DATA DE SUBMISSÃO: 29/10/2023
DATA DE APROVAÇÃO: 05/12/2023

Descrição da obra:

A charge revela um homem negro, choroso, logo após escutar a frase que muitas pessoas vítimas do racismo estrutural são submetidos: "tinha que ser, nego, né?". Senão fez isso aquilo, deixou alguma coisa cair, não fez direito, é preguiçoso, é porque é nego. Tinha que ser, né? Bem que esse nego merece ir para o tronco, apanhar, para aprender a fazer o serviço direito aqui, na senzala do branco. Isso chega a corroer as minhas entranhas, mas ESSA É A REALIDADE de muitos negros e negras no Brasil. É como se a escravidão não tivesse acabado no Brasil. E esse racismo é tão estrutural, é um preconceito tão empregado na cultura do brasileiro, de que o negro é para servir, que o negro é escravo, que grande parte das pessoas associa logo a cor do negro com a pobreza, com a fome, com o desemprego. Todo negro é pobre, todo negro passa fome, todo negro é desempregado. Tem pessoas negras que sofrem racismo até durante uma entrevista de emprego, e infelizmente até na escola, onde deveria ser um lugar de educação e aprendizado. Mas isso é uma violência tão grande no psicológico de uma pessoa negra, que chega a ser desumana. E ainda tem gente que diz que cota para negros em universidade é esmola, pois eu dedico o seguinte adjetivo para esse tipo de ser humano: vocês são uns ignorantes. Marielle Franco já dizia: "Falar de raça é falar da dominação e escravização de um povo, do apagamento, silenciamento e retirada da sua humanidade. Falar sobre raça é falar sobre a desigualdade que estrutura a nossa sociedade até hoje". O negro sofreu no período da escravidão, e ainda sofre hoje com o preconceito. O negro é espancado pela polícia na rua por ser associado com o ladrão. O negro sofre humilhação até em um estádio de futebol quando é chamado de macaco. Eu digo, e repito, enquanto o racismo não parar, as marcas do chicote não vão parar de atormentar a memória histórica e cultural do povo brasileiro, um conglomerado de gentes. Tinha que ser nego, né? POIS FIQUE SABENDO QUE O NEGRO E A NEGRA TEM LUGAR NA UNIVERSIDADE PÚBLICA, ELES NÃO SERÃO IGNORANTES, ESTUDARÃO E TERAM UM BOM EMPREGO, VÃO TER UM LUGAR NA SOCIEDADE. A *digital art* acima foi criada através do programa IbisPaint.

Descrição para pessoas com deficiência visual:

A charge apresenta o rosto de um homem negro, uma tonalidade marrom escuro, o personagem não possui cabelo, possui sombrancelhas grossas na cor preta, olhos cor castanho escuro, um nariz negroide e lábios carnudos, que são traços

fenótipos característicos de pessoas pertencentes à etnia indígena. Os traços grossos, desalinhados e marcantes utilizados para compor o desenho remontam na memória a ideia do tratamento que o negro recebia na casa do seu senhor branco e no pelourinho durante o período de escravização no Brasil, o tratamento era castigante, humilhante e desumano, muitas vezes o senhor mandava raspar todo o cabelo do seu escravo (objeto) para evitar a proliferação de piolhos. As expressões faciais do homem expressam cansaço e indignação ao deparar-se com a frase preconceituosa "Tinha que ser negro, né?" pronunciada por outra pessoa.